

O COLÉGIO DE JESUS
ENTRE PORTUGAL E O MUNDO

revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 50
novembro 2017

RUA LARGA

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Carlota Simões

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1700 ex.

ISSN
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Colégio de Jesus, Coimbra, Portugal
© João Armando Ribeiro, 2005

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>



RUA LARGA

EDITORIAL

Coimbra: uma Universidade Global,
desde o século XVI - P.05

João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO

O Museu da Ciência da Universidade
de Coimbra na rota do turismo - P.10

Luís Filipe Menezes

OFICINA DOS SABERES

DOSSIÊ - Visto de Coimbra

Uma exposição sobre a Companhia de Jesus

- Museu da Ciência da

Universidade de Coimbra - P.14

Carlota Simões

A exposição *Visto de Coimbra*

- Os jesuítas entre Portugal e o Mundo - P.18

Pedro Enrech Casleiro

Azulejos que ensinam ciências - P.22

Carlota Simões

Azulejos que ensinam na coleção

InfraVioleta, com desenhos

de Isaura Pena - P.26

Maria Jorge Ferro

IMPRESSÕES

Um silêncio que nos fala

Silêncio (Martin Scorsese, 2016)

Desenhos de Nuno Branco - P.28

Marta Poiares

Fama e Infâmia de um jesuíta,

a propósito de um autógrafa de

Cristóvão Ferreira - P.30

A. E. Maia do Amaral

O curso conimbricense,

a primeira filosofia glocal - P.34

Mário Santiago de Carvalho

A igreja de Jesus.

A retórica articulada entre a Reforma

Católica e a Universidade - P.37

Maria de Lurdes Craveiro

Ignatius Hartoghvelt, S.J.

as an observer of Jesuit life in the

College of Coimbra (1655) - P.41

Noël Golvers

RIBALTA

Manuscritos Jesuíticos sobrevivem
à expulsão: o Colégio de Jesus, um
esconderijo de mais de 250 anos - P.42
Carlota Urbano e Margarida Miranda

António de Vasconcelos [1727-1801]

o jesuíta que escondeu os manuscritos

na igreja do Colégio de Coimbra - P.45

António Júlio Limpo Trigueiros

CIÊNCIA REFLETIDA

O Colégio de Jesus: Programa, história
arquitetónica e iconografia - P.48

Rui Lobo

AO LARGO

ENTREVISTA

Henrique Leitão - P.56

Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Missão Cumprida

João Maria Fonseca - P.62

Mafalda Esteves - P.64

Marta Poiares

CRÓNICA

A expulsão dos jesuítas em 1759 - P.67

José Pedro Paiva

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Litoral - P.69

Susana Martins

LUGAR DOS LIVROS

Cor, natureza e conhecimento

no curso Aristotélico Jesuíta

Conimbricense (1592-1606) - P.70

Maria da Conceição Camps e

Mário Santiago de Carvalho

APOCALÍPTICOSE

INTEGRADOS

Apocalíptico

Elogio do Iluminismo - P.73

Carlos Fiolhais

Integrado

Uma companhia empreendedora - P.74

José Eduardo Franco

A IGREJA DE JESUS. A RETÓRICA ARTICULADA ENTRE A REFORMA CATÓLICA E A UNIVERSIDADE

MÁRIA DE LURDES CRAVEIRO *

As etapas construtivas da igreja inaciana de Jesus em Coimbra foram, no fundamental, sumariamente traçadas noutro artigo deste número da revista *Rua Larga*. Aqui importará compreender o sentido da instalação jesuíta que não se confinou à gestão interna dos colégios de Jesus e das Artes, também este sob a alçada da Companhia, a partir do momento (1555) em que ganhou fôlego a sua capacidade de ingerência, iniciada sobre a estrutura interna do espaço crúzio, na parte baixa da cidade.

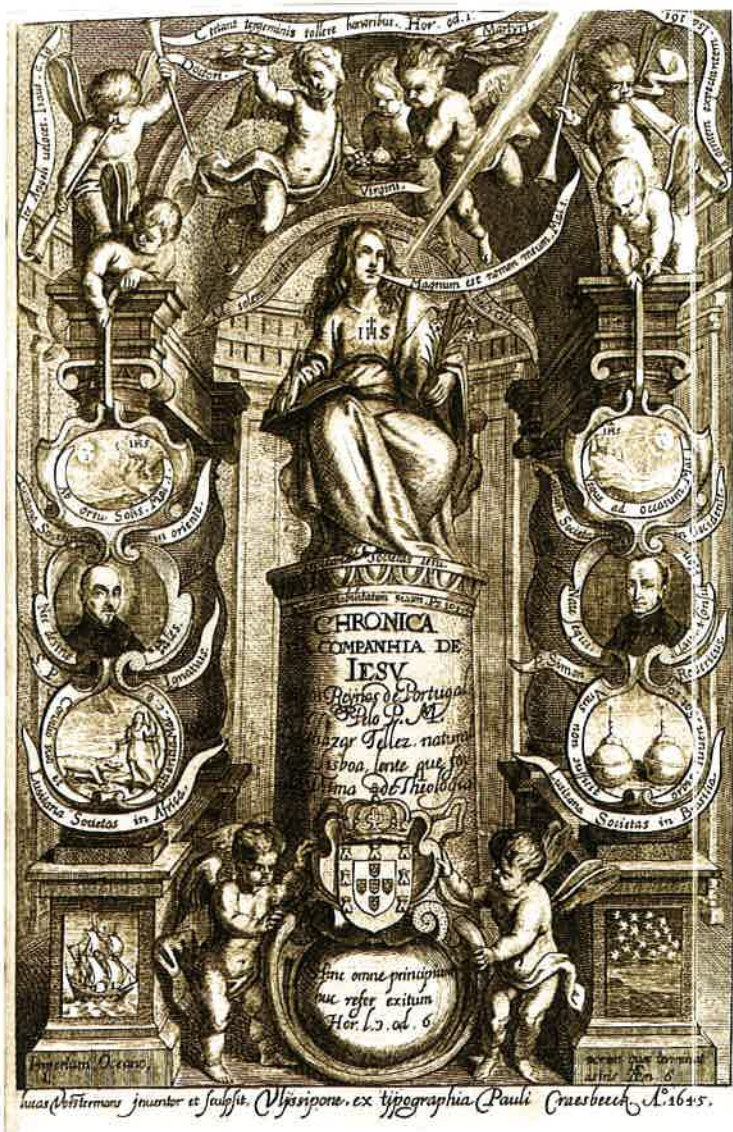
Para a Companhia de Jesus, a colagem à dinâmica da Universidade (num processo imparável a partir de 1537, também para as outras ordens religiosas) foi a bandeira que acompanhou a sua projeção espiritual e científica dirigida a uma escala planetária. Vale a pena observar de perto o frontispício da Crónica de Baltasar Teles, um dos maiores cronistas da “milícia” inaciana, publicada em 1645. A organização compositiva da gravura, disposta em simetria, apela ao sentido universal da ação evangélica da Companhia, onde não faltam as alusões à sua presença iluminada pelo sol a oriente e ocidente, em África e no Brasil; ou os meios para atingir tão destacado sucesso – as embarcações (a caravela, no pedestal à esquerda) – e o resultado – a luz divina que ilumina tal empresa (as estrelas, no pedestal à direita). Com o devido relevo e em cartelas circulares, Inácio de Loyola e Simão Rodrigues (nem mais nem menos do que o fundador do espaço jesuíta de Coimbra e responsável pelo lançamento das bases para a constituição da Província de Portugal) asseguram a eficácia do discurso e o reconhecimento de uma identidade

que se quer aqui salvaguardar. Mas o epicentro (e o mote) da composição, toda ela inscrita em clássica atmosfera, é dado pela coluna (com a inscrição do título e da autoria do livro) que tem a seus pés o escudo régio e remata na Virgem entronizada sobre a qual se reflete intenso raio de luz. A Virgem é, na realidade, a própria Companhia (com o emblema sobre o peito) que sustenta outros elementos: as açucenas (a pureza), a cruz (a ligação a Cristo) e o livro (a Sabedoria) sobre o qual escreve. A coincidência entre os atributos da Virgem/Companhia de Jesus e a iconografia da Sabedoria não é fortuita. A Sabedoria, com que a Universidade preenchia na mesma altura o seu espaço físico, a começar na Porta Férrea, encontrava justamente

a sua validação no Antigo Testamento, no Livro da Sabedoria (da presumível autoria de Salomão), verdadeiro cântico à beleza da conjugação Sabedoria/Justiça/Deus, e onde a “sabedoria não entra na alma que pratica o mal, nem habita num espaço que é escravo do pecado” (*Livro da Sabedoria*, 1: 4). Como a amada no *Livro do Cântico dos Cânticos* (6: 10), “que desponta como a

aurora, bela como a Lua, fulgurante como o sol” (dando também azo à iconografia da Imaculada), a Sabedoria “é mais bela que o sol e supera todas as constelações dos astros” (*Livro da Sabedoria*, 7: 29), e, ao encontro de Deus, é guiada pela Justiça: “Aprendeí, governantes de toda a Terra. Prestai atenção, vós que dominais os povos, e vos orgulhais com o grande número de súbditos. O vosso poder vem do Senhor, e o domínio vem do Altíssimo. Ele examinará as obras que praticardes e sondará as vossas intenções. No entanto, apesar de serdes ministros do seu reino, não julgastes com rectidão, não observastes a lei, nem procedestes conforme a vontade de Deus. Por isso, Ele cairá sobre vós de modo repentino e terrível, porque um julgamento implacável se realizará contra aqueles que ocupam altos cargos. Os pequenos serão perdoados com misericórdia, mas os poderosos serão examinados com rigor” (*Livro da Sabedoria*, 6: 1-6). No frontispício da Crónica de Teles, a ligação à Universidade torna-se mais explícita com a palma dos Doutores (da Igreja) sustentada por um





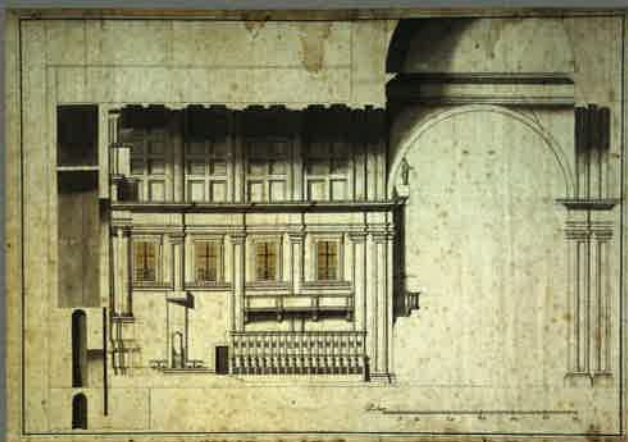
Tellez, Balthazar;
Chronica da Companhia de Jesus...
 Lisboa, Tip. Paulo Craesbeeck, 1645;
 BGUC, VT88-1

dos anjos que acompanha o séquito que coroa a Virgem/Sabedoria/Companhia de Jesus. A subtil consagração da inteligência criativa de Deus pela ação dos homens é reforçada pela utilização da ordem jónica nos elementos arquitetónicos que ordenam todo o espaço compositivo, como já preconizava Serlio, para quem o jónico deveria acompanhar os edifícios destinados “aos homens de vida quieta e sossegada”, ou seja, aos intelectuais. Não por acaso, a generalidade dos colégios universitários que se constituíram em Coimbra ao longo do século XVI pactuou com a ordem jónica.

Na ideação retabular que assim se constitui, a missão da Igreja implica e exige a vigilância sobre si própria e sobre o exterior; na proximidade calculada à Universidade, o complexo jesuítico e a igreja de Jesus assumem-se como farol da Cristandade, em processo de liderança pastoral e científica. A igreja, construída a partir do lançamento solene da primeira pedra em 1598, herda a espacialidade da igreja jesuíta do Gesù (de Vignola) e a interpretação livre de Giacomo della Porta para a fachada que domina o Largo da Feira e o espaço para onde antes D. João III tinha sonhado a instalação da sua Universidade (subtraindo-a ao Paço). A proclamada contenção no usufruto lúdico do espaço interno (em adesão ao designado “estilo chão”) é, afinal, contrariada pela sobrecarga decorativa a partir da encenação montada com a máquina retabular, o azulejo, a pintura, as alfaia litúrgicas ou a sonoridade da festa e da parenética cristã que aí decorrem (foram os problemas com a acústica que decretaram a supressão das usuais tribunas superiores).

Só a força da Companhia de Jesus em Coimbra justificou o clamor da propaganda pombalina em torno das alegadas acusações aos jesuítas proscritos, mas não se esgotou a ligação à Universidade. O novo rumo político-ideológico, que desenhou o controle estatal da Educação e transformou a igreja de Jesus em nova Sé, não se atreveu a suprimir nesta a globalidade da iconografia jesuíta (à exceção do emblema da Companhia na fachada da igreja); solenizou a capela-mor (aumentando a sua profundidade para o dobro e dotando-a com novos equipamentos) e rodeou-a com os espaços da Universidade reformada e “iluminada”. A ligação física entre as duas instâncias (igreja e Universidade) fabricou-a também o Bispo e Reitor D. Francisco de Lemos, com a construção do arco que ligou a Sé ao Paço Episcopal. E, hoje como ontem, com a manutenção das cerimónias académicas, a antiga igreja de Jesus desenvolve um diálogo ativo e dinâmico com a Universidade.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
 Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



Corte longitudinal
da capela-mor da Sé,
José Carlos Magno (?),
tinta da china e aguada sobre papel, c. 1781;
MNMC, Inv. n.º 2865; DA 35

Interior da igreja da Sé Nova,
sécs. XVII-XVIII.
Foto Pedro Medeiros

